

A RAINHA
MAGNÂNIMA

PAULA VEIGA

A RAINHA
Magnânima

A história da rainha D. Maria Ana Josefa que suportou as traições do rei por amor a Portugal.





www.egoeditora.com
geral@egoeditora.com

Ficha Técnica:

Título – A Rainha Magnânima

Autora – Paula Veiga

Composição gráfica – EGO

Imagens da Capa e Contracapa – excertos de retratos a óleo da rainha D. Maria Ana Josefa e de D. João V - domínio público

Fotografia da autora – Paula Veiga©

Revisão de Texto – EGO

Paginação – EGO

Edição – EGO

1ª Edição – Outubro 2019

ISBN – 978-1696850117

Impressão e Acabamento – Tipografia Lousanense

©2019, Paula Veiga e EGO Editora

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo sem prévia autorização por escrito da Ego Editora.

Por vontade expressa da autora, o livro está redigido de acordo com a grafia anterior ao AO90, o Novo Acordo Ortográfico.

*A todos os meus familiares
que já partiram.*

PAÇO DE BELÉM

1 de Agosto de 1754

Encontro-me no meu leito de morte, no Paço de Belém, acompanhada por aqueles que mais amei durante a minha longa vida, os meus filhos e netas.

Vivi quase setenta e uma primaveras e morro com o sentimento de dever cumprido, dando a este reino infantes suficientes para assegurarem a descendência, aquém e além-mar, por muitos e longos anos. Sempre fui uma mulher generosa e a vida ensinou-me a ser até magnânima, caso contrário, nunca conseguiria sobreviver a tantas traições e humilhações.

Não posso dizer que tenha tido um casamento feliz, porque o meu marido, depois de assegurar a descendência, foi-se progressivamente afastando e deixou de me desejar fisicamente. Preferia as mulheres nobres que se mantinham em retiro, nomeadamente as freiras de Odivelas, as criadas do Paço, ou até uma cigana que vivia nos arrabaldes da corte, em Salvaterra. O meu marido sempre optou por se imiscuir na cama de muitas outras mulheres, quer fossem plebeias, damas ou donzelas. Teve vários filhos bastardos, provocou vários escândalos e o seu apetite sexual era tal que lhe chamavam o “rei-freirático”.

Eu sofria em silêncio, por parecer que Deus não me iria conceder a graça de ser mãe. Foram muitas as tentativas, porque, na verdade, quando casámos, o rei frequentava a minha cama com regularidade, contudo, durante dois anos, não consegui engravidar, apesar das várias promessas que fizemos, incluindo a de mandar construir um convento. Talvez tenha sido a ansiedade o que me impediu de procriar. A responsabilidade de uma monarca gerar um herdeiro varão é tremenda e, no meu caso, possivelmente, inibiu-me de conceber mais cedo.

No início do nosso casamento, esse facto magoava-me e preocupava-me imenso, mas a partir do momento em que dei à luz a minha querida Maria Bárbara, não mais me incomodei - estava provado que eu não era estéril. Sim, porque, como era do conhecimento público, ninguém tinha quaisquer dúvidas acerca da fertilidade do meu marido. Foram várias as mulheres que, ao longo dos anos, pariram os bastardos do rei!

Só éramos compatíveis espiritualmente: os dois profundamente devotos, os dois amantes de cultura, apaixonados pela música. Por isso, servi unicamente para dar a este reino descendentes que certamente irão manter viva esta linhagem e esta distinta casa. Não pensem que foi tarefa fácil, já que uma rainha que não dê descendentes ao seu reino, não é considerada uma verdadeira mulher! Foi isso, que, provavelmente, também a minha única filha, Maria Bárbara, que viria a ser a rainha consorte de Espanha, terá sentido, porque nunca chegou a conceber, apesar de ter tido um casamento feliz.

Lembro-me muito bem do dia em que Maria Bárbara nasceu, no início do último mês, do ano da graça de 1711. A Princesa do Brasil veio ao mundo num dia em que uma forte tempestade assolou a capital. O ar que respirávamos era gélido, e apesar de todas as lareiras se encontrarem acesas no Paço da Ribeira, foi o nascimento

da pequena Maria Bárbara que trouxe o calor, não só à corte, como a todo o reino. Esse dia marcou o fim da minha inquietação porque, apesar de nascer uma infanta, foi este pequeno ser que me encheu de esperança de poder ainda expectar legar a este reino um príncipe real, o Príncipe do Brasil, assim se designava o primogénito. E de facto, no ano seguinte, dei à luz o meu Pedro de Alcântara.

As minhas únicas alegrias não foram somente os meus filhos. O meu legado foi mais vasto, especialmente as várias alterações que inseri nesta corte tão pouco erudita, particularmente no que dizia respeito à cultura musical. Fui eu que introduzi neste reino o cravo, um instrumento de construção muito leve, com um único teclado e com pouca tensão nas cordas. Eu própria o toquei inúmeras vezes na corte, tentando motivar as damas deste reino, despertando-as para novas melodias. O violino, outro magnífico instrumento, também começou a fazer parte dos nossos serões, permitindo-nos desfrutar muito mais das noites quentes de Verão.

Também será referido certamente, um dia mais tarde, quando falarem de mim, o bem que fiz aos mais desfavorecidos, e a minha sensibilidade perante as necessidades e o sofrimento alheios. Talvez me acusem mesmo de esbanjadora, dada a minha generosidade. A minha religiosidade levou-me ainda a mandar construir o Hospício dos Religiosos Carmelitas Descalços Alemães, onde vou querer ser sepultada num mausoléu, na igreja, como já deixei em testamento.

Sempre fui uma soberana culta e nunca deixei o meu marido ficar mal em nenhuma circunstância, apoiando-o sempre, como o fiz naquela que foi a grande empreitada do seu reinado: o Aqueduto das Águas Livres.

Quando exerci a regência do reino, fi-lo com zelo e diligência, apesar de muitos pensarem que me limitei a assinar os despachos que me eram entregues. Não sou mulher para assinar de cruz e, por

isso mesmo, estudei atentamente todos os dossiês que me chegavam e que necessitavam de uma decisão.

A minha vida não teve uma história fácil, mas tentarei contá-la com o tempo ainda me restar.

LINZ

7 de Setembro de 1683

Nasci há 70 anos, em Linz, na Alta Áustria, no ano de 1683. Era filha de Leopoldo I, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, rei da Croácia, rei da Boémia e também da Hungria, e da sua terceira mulher, a Imperatriz Leonor Madalena de Neuburgo, irmã da Rainha Maria Sofia de Portugal.

O meu pai ficou conhecido para a história como o Imperador que consolidou as fronteiras do Império, após a expulsão e derrota dos Otomanos. Era um protector das artes e por isso transformou a Áustria no maior centro artístico e cultural da Europa.

Anos mais tarde, após a morte do meu pai, os meus irmãos, também Imperadores da Áustria, ficaram conhecidos como José I e Carlos VI.

A nobreza austríaca era em tudo semelhante à alemã, uma vez que ambas faziam parte do Sacro Império. Isto significava que qualquer nobre detentor de terras governadas pelos Habsburgo estava integrado no imenso Império Austríaco.

Esta condição aplicava-se à aristocracia da Boémia, da Polónia, da Hungria e da Croácia. A única diferença é que uns nasceram e

descenderam originariamente da velha nobreza, conservando naturalmente a cidadania austríaca, enquanto outros foram elevados a uma nova nobreza através da concessão de títulos. Não tenho qualquer dúvida que a Casa Austríaca foi uma das mais importantes da Europa, embora tenha rivalizado com outras casas igualmente influentes. Reinou durante séculos. Foram várias as alianças estabelecidas com Portugal e o fruto destas uniões continuou a existir, não só neste reino, como também um pouco por toda a Europa.

Vivi os primeiros anos da minha vida no Schloss de Linz, nas margens do Danúbio. Este castelo foi a residência do Imperador Frederico III, também ele casado com uma infanta portuguesa que foi naturalmente Imperatriz da Áustria, a princesa Leonor de Avis.

Mais tarde, fomos viver para Viena. Durante o Inverno habitávamos no Palácio Imperial Hofburg e no Verão ocupávamos o Palácio Schönbrunn, com os seus colossais jardins que preenchem uma área de cento e sessenta hectares. Foram tempos maravilhosos, os vividos na Áustria!

Recebi uma educação esmerada, não só em línguas como também na dança e na música, com a aprendizagem de tocar diversos instrumentos musicais, como o cravo. Interessava-me imenso pela pintura e pelos bordados e fui ensinada a dançar graciosamente.

Falo fluentemente várias línguas: Alemão, Francês, Italiano, Espanhol e Português. Escrevo e leio o Latim e entendo um pouco de Inglês, embora não saiba escrever neste idioma. Sou uma mulher culta!

Fui habituada, na corte de Viena, a participar em saraus e festas, onde habitualmente as damas do Paço tocavam tanto o cravo como o bandolim ou o violino. Por isso mesmo, quando anos mais tarde, cheguei a Lisboa, ao meu novo reino, foi uma das primeiras coisas que implementei. Música e dança para alegrar os nossos corações, pois a vida tem-se revelado triste. Mas não pensem que

foi fácil, porque junto das damas portuguesas, estes instrumentos musicais não fizeram logo muito sucesso. No início, ficaram muito desconfiadas, mas depois de várias demonstrações, tanto minhas, como das minhas aias alemãs, acabaram por querer aprender a tocar e o seu entusiasmo era contagiante. Passados alguns anos, executavam algumas peças com grande desenvoltura e acabou por ser um grande sucesso na corte. Já durante o reinado de meu filho, D. José I, apareceram vários compositores portugueses a tocar com grande mestria.

O que importa a educação que recebi?

Temo não conseguir contar esta história numa sequência cronológica, até porque posso confundir alguns factos e muitos deles já não sei sequer situá-los no tempo. Começo a perceber que já tenho uma profícua idade e estou um pouco confusa. Deus me dê forças para terminar esta narrativa. Irei fazê-lo de qualquer modo, ainda que os meus entes queridos não a queiram ler. Ficará certamente para a posteridade e para aqueles que tiverem alguma curiosidade em saber como uma princesa palatina acaba por ser rainha de Portugal.

São sempre os jogos políticos e as alianças mais vantajosas que acabam ditando o destino de uma princesa real. Aliás, já desde Frederico III que a Áustria tentava realizar inúmeras alianças políticas através de bons casamentos, o que veio a suceder inclusivamente com uma princesa real Portuguesa, a Leonor de Avis. Não é a primeira vez e certamente não será a última que a casa da Áustria se alia à casa real Portuguesa.